

Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri

Margareth Rago¹

Resumo

Tendo em vista problematizar as relações historicamente constituídas entre anarquismo e feminismo, focalizo a trajetória pessoal e a produção intelectual de duas militantes libertárias, que lutaram intensamente pela renovação do anarquismo: a brasileira Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e a ítalo-uruguaia Luce Fabbri (1908-2000). Escritoras, educadoras e oradoras prestigiadas, ambas atuaram nos meios políticos e culturais ao longo de suas vidas, e tornaram-se importantes referências nos movimento anarquista. Além dos inúmeros livros, artigos e folhetos em que denunciam as múltiplas formas da dominação burguesa, da opressão masculina e da exploração capitalista do trabalho, pesquisas recentes revelam que vários dos textos de Maria Lacerda de Moura podem ser encontrados não apenas nos periódicos brasileiros, mas também nas revistas libertárias publicadas na Espanha e na Argentina, entre as décadas de 1920 e 1930. Já a ítalo-uruguaia Luce Fabbri tem sua extensa obra traduzida em diversas línguas. Ambas são redescobertas por feministas contemporâneas, que publicam suas biografias: a de Maria Lacerda de Moura, em 1984 e a de Luce Fabbri, em 2001.

Palavras-chave: anarquismo, feminismo, sexualidade, fascismo, poder.

¹ Historiadora, professora titular do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil. Publicou vários livros e artigos; pesquisa temas relacionados à História cultural, gênero, sexualidade, anarquismo e ao pensamento de Michel Foucault. Tel. 55-11-38980212 - marga_rago@uol.com.br

Se ainda hoje são pouco conhecidas as trajetórias das militantes anarquistas, duas figuras destacam-se no elenco das mulheres que atuaram intensamente para a renovação do anarquismo, na América do Sul: Maria Lacerda de Moura (1887-1945) e Luce Fabbri (1908-2000). Escritoras polêmicas, educadoras libertárias, oradoras prestigiadas, ambas destacam-se pela vibrante atuação nos meios políticos, culturais e literários ao longo de suas vidas, assim como pela difusão de suas idéias posteriormente. Além dos inúmeros livros, artigos e folhetos em que denunciam as múltiplas formas da dominação burguesa, da opressão masculina e da exploração capitalista do trabalho, pesquisas recentes revelam que vários dos textos da brasileira Maria Lacerda de Moura podem ser encontrados não apenas nos periódicos brasileiros, mas também nas revistas anarquistas, publicadas na Espanha e na Argentina, entre as décadas de 1920 e 1930. Já a ítalo-uruguaia Luce Fabbri tem sua extensa obra traduzida em diversas línguas. Ambas são redescobertas por feministas contemporâneas, que publicam suas biografias: a de Maria Lacerda de Moura, em 1984 e a de Luce Fabbri, em 2001.²

O encontro dessas mulheres com o anarquismo se dá pelo contato com figuras masculinas fortes: por volta de 1919, o professor José Oiticica³ visita Barbacena, em Minas Gerais e fascina a jovem Maria Lacerda com seus ensinamentos sobre a pedagogia libertária. Anos depois, é ela quem defende uma nova pedagogia, entendendo que “*as prisões fazem criminosos. A cadeia humilha. Ali explodem degenerescências. Para as crianças – somente casas de educação e nunca a chibata, a prisão, o trabalho forçado ou o tribunal.*”⁴ Já Luigi Fabbri, ativista libertário do movimento operário na Itália, insistia desde cedo com a filha sobre a necessidade de esclarecer-se bem antes de optar ou não pelo anarquismo.

Ao mesmo tempo próximas e distantes, essas anarquistas têm em comum o esforço dedicado a atualizar o anarquismo, refletindo à luz dos problemas de sua época, ou melhor, o esforço de responder aos desafios do presente, à luz das idéias anarquistas. Distantes geograficamente, apenas vinte anos as separam: Maria Lacerda nasce em 1887, em Minas Gerais, enquanto Roma recebe Luce Fabbri, em 1908. Experiências diversas, realidades distintas, em algum momento, os textos da primeira chegam às mãos da segunda, que, exilada em Montevidéu, desde a década de trinta, descobre a proximidade das suas inquietações, angústias, crenças e sonhos. Afinal, além de militantes anarquistas, ambas foram escritoras, professoras, amantes da literatura, e dedicaram-se visceralmente à luta antifascista internacional e à construção de formas libertárias, antihierárquicas e solidárias de pensar e viver.

² LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984; RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001; *Entre La Historia y La Libertad. Luce Fabbri y El anarquismo contemporaneo*. Tradução de Alfredo G. Martin. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 2003.

³ Um dos principais expoentes do anarquismo brasileiro, José Oiticica nasce em Minas Gerais, em 1882, forma-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1902, mas torna-se professor catedrático de Português no Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Falece em 1957. In: RODRIGUES, Edgard. *Os Libertários*, Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993, p. 33-66.

⁴ MOURA, Maria Lacerda. *A mulher é uma degenerada?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932, 3ª ed, In: LEITE, Miriam L. Moreira (org.) *Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p.106.

- proximidades: a luta contra o fascismo

O texto com que Maria Lacerda de Moura presenteia Luce, por intermédio da amiga argentina Concepción Fernandez, que a visitava em Guararema (SP), chama-se *Clero e Fascismo: Horda de Embrutecedores!*⁵ A dedicatória, delicada e afetiva, diz: “Para a querida e grande Luce Fabbri - o coração de Maria Lacerda, 12-1934.”⁶ É interessante observar que não se trata de nenhum dos livros dessa anarcofeminista radical, que hoje consideramos tão polêmicos e arrojados. Mas, sem dúvida, a escolha não foi gratuita: a aliança na frente de batalha estava solidamente consolidada.

Em 1932, vivendo numa comunidade libertária em Guararema, sem filhos e divorciada, Maria Lacerda escreve *Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores e Fascismo-filho dileto da Igreja e do Capital*⁷, livros em que coloca toda a sua indignação para atacar o nacionalismo, a igreja, o poder dos Estados e os regimes totalitários, e em que defende o pacifismo. Contudo, embora sejam trabalhos muito contundentes, é Luce Fabbri quem desenvolve uma análise mais minuciosa, demorada e profunda desse fenômeno, razão pela qual opto, aqui, por concentrar-me em alguns de seus textos. Como mostro, logo mais, outros temas atraem mais fortemente o olhar crítico da anarquista brasileira.

Desde o início da década de trinta, Luce Fabbri edita a revista anti-fascista *Studi Sociali*, juntamente com seu pai, Luigi Fabbri, que falece em 1935.⁸ Doravante, a revista fica inteiramente a cargo da jovem, que publica, ainda nesse ano, o livro *Camisas Negras*⁹, reunindo uma série de palestras proferidas em Rosário de Santa Fé, na Argentina, em 1933, durante a ditadura de Terra. Nesse trabalho, ela examina detalhadamente as características essenciais do fascismo, “filho da guerra”, das condições políticas e culturais do período e de sua manifestação histórica em vários países. Ao lado de Primo de Rivera, na Espanha, as bandas de Horty, na Hungria, em luta contra os comunistas e judeus, depois da experiência bolchevique de Bela-Kun e a fascistização de Dolfuss, na Áustria, figuram grupos de tendência fascistóide, como a Ku Klux Klan norte-americana, as Juventudes Patrióticas francesas e “La Légion nacional Belga”, financiada pelos grandes industriais.

Luce desenvolve uma ampla análise histórica e política do fascismo italiano. A partir de uma leitura classista, observa que, ao contrário dos intelectuais iludidos com as primeiras manifestações do fascismo, os operários das fábricas e os camponeses logo perceberam o caráter conservador e anti-socialista do movimento em curso. Viam os “camisas negras” como os principais inimigos das cooperativas, dos sindicatos, das autonomias municipais e do socialismo. É que, ao contrário do nazismo, que se apoiou nas massas de desempregados e desesperados que levaram o programa anticapitalista de Hitler a sério, na Itália, tratou-se da ação dos grandes industriais, comerciantes e latifundiários em luta contra os grevistas, contra o movimento operário, contra as cooperativas autônomas de produção e consumo que se espalhavam pelo país. Na Itália, portanto, o fascismo foi

⁵ MOURA, Maria Lacerda. *Clero e Fascismo - Horda de Embrutecedores*. S. Paulo: Editorial Paulista, 1934

⁶ RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.113.

⁷ MOURA, Maria Lacerda. *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!* São Paulo: A Sementeira, 1933; *Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d

⁸ Veja-se RAGO, Margareth. *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.131 e segts.

⁹ FABBRI, Luce. *Camisas Negras*. Buenos Aires: Ediciones Nervio, 1935.

produto do medo do capital diante do avanço operário; na Alemanha, resultou do desespero das massas famintas e desorientadas que apoiaram o sistema, não vendo outras alternativas.

O fascismo italiano emerge, pois, como “*uma contra-revolução preventiva*”, diz ela, invocando o título do livro escrito pelo pai, em 1922, “*uma contra-revolução que preencheu o vazio da revolução frustrada.*”¹⁰ Diante da ameaça representada pelo crescimento do movimento operário e das massas que, nas ruas, agitavam bandeiras e gritavam em nome da “*Revolução*”, do “*Socialismo e da Liberdade*”, as forças conservadoras uniram-se ferozes. Movimento que os operários e camponeses logo perceberam, denunciando-o como um movimento anti-socialista, inimigo das cooperativas, dos sindicatos e das autonomias municipais.

Como explica a historiadora anarquista, havia um vigoroso movimento operário na Itália, desde o final do século XIX, que conquistara muitos benefícios trabalhistas, devido ao desenvolvimento do sistema de cooperativas. Cerca de 1370, em 1906, estas vinham aumentando consideravelmente, nos anos seguintes. Fortemente vinculadas aos sindicatos e às sociedades de socorro mútuo, formavam juntos o que se chamou de “*a tripla aliança do trabalho*”.¹¹

Nesse mesmo ano, funda-se a Confederação Geral do Trabalho, de tendência social-democrata; em 1914, contava com cerca de 321.858 membros. Logo em seguida, os anarquistas criam a União Sindical Italiana, que chega a ter mais de 300.000 afiliados e que teve notável influência no norte da Itália. As greves sucedem-se rapidamente. As cooperativas de Molinella, pequena cidade da planície emiliana, mobilizam um capital de milhões, assim como Milão, Reggio Emilia, Novara. Na província de Ravena, de 250 mil habitantes, 20 mil estavam organizados; as cooperativas de consumo absorviam 12 mil membros e seus negócios atingiam anualmente um movimento de 25 milhões de liras. Em 1921, as cooperativas agrícolas cultivavam 9.605 hectares de terra.¹²

Vivendo em Roma e Luce observa todo o arsenal simbólico mobilizado pelos fascistas em suas vestes, em seus rituais, em suas sofisticadas formas de manipulação das massas. Destaca a dimensão psicológica do fenômeno: o desejo de poder e de preservação do *status* pelos dominantes; atenta para o elemento patológico constitutivo do fascismo, a “*delinquência desatada pela luta*” que implica de maneira contínua.

O fascismo mobiliza forças psíquicas obscuras e irracionais, como o ódio manifestado pelos industriais diante dos trabalhadores que se atreviam a reivindicar seus direitos; o ódio dos “*ñinos bien*”, que sentiam perder seus privilégios culturais com o progresso intelectual dos operários; e o ódio dos comerciantes contra as cooperativas, que barateavam os produtos.¹³

Sua análise do totalitarismo incide sobre a dimensão microscópica da dominação, desvendando a positividade do poder, que constitui as individualidades, normatiza os gestos e adentra os corpos, a partir de imposições normativas cotidianas.¹⁴ Segundo ela,

¹⁰ FABBRI, Luce. “Fascismo en el Uruguay”, *Cuadernos de Marcha*, no.53, setiembre 1971.

¹¹ FABBRI, Luce. *Camisas Negras*, op.cit, p.64

¹² Idem, p.145.

¹³ Idem, p.21.

¹⁴ Recorro à analítica do poder desenvolvida por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

o domínio inteiro, absoluto, totalitário da vida, através da OVRA, Milícia, Tribunal Especial e da imprensa, rádio, ensino, sindicato obrigatório, “opera nazionale Balilla”, a “Juventude Italiana del Lictorio”, o “Dopolavoro”, (...) que controlam os diferentes minutos da vida de todas as categorias de pessoas. E’ um domínio político que chegou a atar o camponês à terra, o profissional à sua profissão e à sua cidade, o operário à sua indústria, no maior ensaio de militarização da vida que se realizou na história.¹⁵

O fascismo consegue criar um sistema de vigilância desconhecido pela Inquisição, ou pelo czarismo russo, mostra a autora, que visava impedir tanto a exteriorização do pensamento, quanto o próprio pensar, atomizando o indivíduo.

O pensamento solitário, que não é fecundado continuamente pela conversação e pela discussão, que não tem alimento variado de livros e diários, não pode viver e evoluir, a não ser que tenha um vigor interno extraordinário que se pode encontrar apenas em algumas pessoas.

Este trabalho para isolar o indivíduo de toda a imensa variedade da vida e para fazer dele o tipo padrão do bom cidadão fascista e do bom soldado, começa em criança, no pequeno homem em formação, no qual é importante matar certas inclinações e fortalecer outras, sempre as mesmas.

A partir desta constatação, Luce denuncia como o fascismo invade a vida cultural, instaurando sistemas de controle e de formação ao mesmo tempo, elaborados em seus mínimos detalhes. Assim, transforma desde o ensino primário, impondo a leitura dos livros do Estado, onde desde as primeiras páginas as crianças aparecem vestidas com camisas negras, “*pequenos balilas apresentados como exemplo de valor e de patriotismo.*”¹⁶ A escola torna-se um instrumento para vigiar a intimidade da família por meio das crianças. “*De que fala teu pai durante o almoço?*” é outro dos temas de composição que caracterizam a vida escolar italiana. O controle, portanto, se estende do ensino primário ao secundário e à universidade.

Para os trabalhadores, enquanto os sindicatos corporativos passam a vigiá-los, a *OND - Opera Nazionale Dopolavoro* controla suas horas de lazer, “*militarizando até o descanso*”. Depois do trabalho, os operários inscritos são convidados a reunirem-se nos locais do *Dopolavoro* destinados a atividades culturais e desportivas, sob a direção de professores e organizadores fascistas. A principal atividade cultural consiste em conferências de propaganda, para além de alguns cursos e representações dramáticas.

Defensora das formas autogestionárias, logo, apostando na forte necessidade de vínculos sociais constituídos espontaneamente entre os indivíduos, Luce afirma que autoridade coercitiva e sociedade orgânica são termos antitéticos.

Governo totalitário é aquele que militariza todos os aspectos da vida, inclusive o cultural. E em nenhum lugar o indivíduo está mais só, mais separado dos demais, mais “desorganizado”, que no exército. Suprimindo o estado maior, um exército bem disciplinado se desvanece. Todas as molas estão enganchados de cima e a pirâmide não tem cimento.¹⁷

¹⁵ FABBRI, Luce. “O perigo totalitário”, *Socialismo y Libertad*, n.2, 10/12/1943

¹⁶ FABBRI, Luce. *Camisas Negras*, op.cit, p.197

¹⁷ Idem, p. 197.

A organização fascista da vida social pretende atar o indivíduo isolado das formas autônomas de manifestação ao Estado. Nesse sentido, Luce analisa a solidão do indivíduo moderno, sem enraizamento social e político no mundo totalitário. Em um texto de 1957, afirma:

O homem sozinho não é forte, como se dizia, mas débil; débil se se isola por orgulho na selva; débil se o temor o isola no silêncio sob uma dominação tirânica; débil se se deixa explorar na fábrica, um entre mil, negando-se a buscar na associação com seus companheiros energias para lutar contra a injustiça. Em todos estes casos será débil e escravo; será menos homem, já que o homem existe e se define por suas relações com os demais.¹⁸

- distâncias: feminismo e sexualidade

Se muitos pontos em comum marcam as reflexões e os posicionamentos políticos dessas anarquistas, é na questão da sexualidade e do feminismo que se separam de forma mais visível. Se ambas desenvolvem profundas reflexões éticas e políticas em seus livros, folhetos e artigos, o foco privilegiado na crítica ao poder distancia-as nitidamente. Mesmo que Luce tenha-se interessado mais diretamente pelas questões feministas a partir da década de oitenta, revendo algumas de suas antigas posições, é Maria Lacerda quem privilegia a questão da mulher, do corpo e da sexualidade em suas reflexões, desde os anos vinte, trazendo novos aportes e problematizações para a experiência anarquista.

Entre as décadas de 1910 e 1930, a libertária mineira publica *Em torno da Educação* (1918), *A Mulher é uma Degenerada?* (1924), *Religião do Amor e da Beleza* (1926), *Han Ryner e o Amor Plural* (1928), *Amai e não vos multipliqueis* (1932), livros que têm como visada principal a situação social das mulheres e a crítica contundente da moral sexual. Nesse sentido, Maria Lacerda radicaliza a denúncia da opressão de gênero, entre pobres ou ricas, jovens ou velhas. Temas dificilmente discutidos por mulheres em sua época, como a educação sexual dos/das jovens, a exigência da virgindade feminina, o amor livre, o direito ao prazer sexual, o divórcio, a maternidade consciente e a prostituição figuram entre os mais importantes, na extensa produção intelectual da polêmica escritora. Vários de seus livros, artigos e opúsculos são traduzidos na Argentina, onde é convidada a realizar ciclos de palestras, em Buenos Aires e em outras localidades, assim como se encontram nas revistas libertárias *Estúdios* e *La Revista Blanca*, publicadas na Espanha desse período.

Num artigo publicado na revista espanhola *Estúdios*, em 1931, Maria Lacerda era apresentada ao público espanhol em termos muito elogiosos:

Não existe no Brasil, pelo menos que saibamos, uma instituição docente ou uma entidade que tenha realizado um trabalho de tanto alcance na esfera psicológica e na ordem normativa que possa comparar-se à obra de Maria Lacerda de Moura, que encarna o tipo da mentalidade feminina evoluída, cultíssima, discreta e ponderada, audaz e inaudita. É indubitável que a produção filosófica e pedagógica devida à grande ideóloga, tem um extraordinário valor intelectual; porém, é desde o ponto

¹⁸ FABBRI, Luce. “Vitalidad y Espontaneidad de lo Organico”, *Lucha Libertaria*, Montevideo, mayo de 1957, año XX, no.171.

de vista ético que sua personalidade se destaca de modo superlativo. Mesmo nos países em que a literatura feminista logrou maior esplendor, escritoras do porte de Maria Lacerda não abundam.”¹⁹

Aqui, as idéias que a distinguem dizem respeito às dimensões éticas da sexualidade, do desejo e da experiência amorosa, tanto para as mulheres como para os jovens em geral. Assim, nos artigos “La concepción ryneriana del amor” e “Qué es el amor plural?” publicados na revista *Estudios*²⁰, compara a “camaradaria amorosa” de Émile Armand ao “amor plural” de Han Ryner; define aquele como “amor comunal ‘organizado’”, o que significa reforçar a idéia ryneriana de que o amor escapa às classificações e teorizações.

Maria Lacerda considerava a “camaradagem” proposta por Armand como “um retorno à promiscuidade, ao comunismo sexual degradante, no qual a mulher continua representando o papel de coisa, objeto de prazer, eleita sempre e quase nunca com direito a escolher. Para ela, a natureza fizera a mulher apta a satisfazer vários homens, enquanto os homens não tinham essa alternativa. Segundo ela,

O amor é uma escolha não deliberada; é como uma predileção impulsiva de nossas forças internas, sacudidas por um algo misterioso; é a liberdade absoluta de escolher espontaneamente e poderíamos dizer que inconscientemente, porém nunca a promiscuidade nem o servilismo galináceos.²¹

Em outro artigo, “La mujer nueva y la moral sexual”, Lacerda discute com a “renomada escritora” Alexandra Kollontai, a questão da prostituição e contesta a sua análise do livro de Greta Meissel-Hess, *La crisis sexual*, que trata da “deformação da psicologia masculina por meio da prostituição”.²² Deduzia daí a incapacidade masculina de compreender os sentimentos femininos, “a pouca atenção que presta à mulher sob o aspecto psicológico” e sua incapacidade de satisfazê-la em suas necessidades sexuais. Segundo ela, “tanto no amor livre quanto no casamento, o homem é igualmente troglodita: tem direito de propriedade sobre a mulher, pode matá-la se o trair; é ciumento e vingativo e imagina que possui uma escrava.”

Maria Lacerda defendia o “amor diversão”, a “amizade amorosa” e o “amor plural”, como momentos da educação do homem e da mulher necessários para poderem conquistar a “possibilidade de amar”. No entanto, apesar de suas reflexões sofisticadas no terreno amoroso, nada indica que tenha praticado o “amor livre”.

Em *Religião do Amor e da Beleza*, desestabiliza as hierarquias de gênero e propõe uma nova moral sexual, em que a mulher pudesse ser elevada moral e espiritualmente. Diz ela,

A mulher tem sido corpo apenas; a alma feminina dorme na inconsciência de uma involução milenar”, dizia ela, “a grande questão é desenraizá-la

¹⁹ CAMP, Santiago Valenti. “La pensadora María Lacerda de Moura”, *Estudios*, Barcelona, fevereiro de 1931, ano IX, n.90, p.11.

²⁰ MOURA, Maria Lacerda. “La concepción ryneriana del amor” e “Qué es el amor plural?”, *Estudios*, maio 1934, ano XII, n.129.

²¹ Idem.

²² MOURA, Maria Lacerda de. “La mujer nueva y la moral sexual”, *Estudios*, junho 1934, ano XII, n.130.

desse sectarismo que mata qualquer iniciativa cerceando a razão, é fazê-la observar, viajar a imaginação pela Natureza imensa (...).”²³

E acrescenta: “Para ser livre assim é indispensável que a mulher se emancipe pelo coração e pela razão, deixando de ser medula para conhecer a verdadeira sensibilidade, que voe como as águias fitando o sol (...).”²⁴

Em *Amai e não vos multipliqueis*²⁵, Maria Lacerda responsabiliza duramente a sociedade burguesa pela subordinação feminina:

Mutilaram a mulher, através dos preconceitos e das convenções sociais: fizeram dela um ser incompleto e desgraçado no tipo solteirona e resolveram o problema sexual masculino, organizando o mercado das relações sexuais, a prostituição, os “cabarets” e cassinos, as casas de tolerância, os “recursos”, os “rendez-vous” e o caftismo.²⁶

Ao contrário dos homens cultos do período e principalmente dos médicos, que justificavam a exclusão das mulheres do mundo público por sua suposta inferioridade biológica, pela má formação dos ossos ou pela leveza do cérebro, Maria Lacerda atacava a moral e a ciência burguesas, assim como a ideologia da domesticidade, em plena ascensão no mundo urbano-industrial. Mostrava como impediam o desenvolvimento psíquico e o amadurecimento pessoal das mulheres, ao incutir-lhes uma série de preconceitos e obrigações no espírito. Diz ela,

Dentro da sociedade capitalista a mulher é duas vezes escrava: é protegida, a tutelada, a “pupila” do homem, criatura domesticada por um senhor cioso e, ao mesmo tempo, é a escrava social de uma sociedade baseada no dinheiro e nos privilégios mantidos pela autoridade do Estado e pela força armada para defender o poder, o dominismo, o industrialismo monetário.²⁷

Em sua crítica à exigência da virgindade para as moças antes do matrimônio e à prostituição, tanto quanto à obrigação da maternidade, afirma ousadamente:

É bárbaro o prejuízo da virgindade, da castidade forçada para o sexo feminino, castidade imposta pela lei e pela sociedade, como é bárbara a prostituição “necessária” para resguardar a “pureza” da carne das “*jeune-filles*” (...) e para saciar os esfomeados de todas as idades e de todos os estados civis. Também é selvageria a maternidade não desejada, a maternidade imposta pelos maridos comodistas às mulheres ignorantes e duplamente sacrificadas.²⁸

Discutindo com o médico português Miguel Bombarda, que procurava demonstrar, na trilha do italiano Cesare Lombroso, que a mulher é um ser biológico e moralmente

²³ MOURA, Maria Lacerda. *Religião do Amor e da Beleza*. São Paulo: Condor, 1926, p. 51.

²⁴ Idem, p.55.

²⁵ MOURA, M. L. *Amai e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932

²⁶ MOURA *apud* LEITE, op. cit, p.221.

²⁷ Idem, p.214

²⁸ Idem, p.221

inferior ao homem, em seu livro *A Epilepsia e as pseudo epilepsias*, Maria Lacerda escreve *A Mulher é uma Degenerada?*²⁹, uma de suas obras mais importantes. Nesta, questiona o mito da inferioridade cerebral das mulheres, desautorizando o regime de verdade construído pela ciência médica da época. Já no prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos, intitulado *Liberdade sexual das mulheres*, que, aliás, ela traduz para o português, Maria Lacerda questiona a identificação elementar da mulher com seu órgão reprodutivo e ataca a dupla moral escravizadora do chamado “sexo frágil”:

A ciência costuma afirmar que a mulher é uma doente periódica, que a mulher é útero. Afirma que o amor para o homem, é apenas um acidente na vida e que o amor, para a mulher, é toda a razão de ser da sua vida, e ela põe nessa dor, o melhor de todas as suas energias e esgota o cálice de todas as suas amarguras, pois que o amor é a consequência lógica, inevitável de sua fisiologia uterina. Há engano no exagero de tais afirmações. Ambos nasceram pelo amor e para o amor.³⁰

Antecipando o que será o principal foco de luta do movimento feminista, a partir da década de 1970, a saber, a questão dos direitos reprodutivos e da violência doméstica, Maria Lacerda, ao lado de outras anarquistas, denuncia o “contrato sexual”³¹ implícito no contrato social, que exige o direito ao corpo e ao prazer sexual das mulheres. Segundo ela, a sociedade estabelece partilhas profundamente nocivas ao desenvolvimento humano, fundadas na escravidão da mulher e no servilismo dos fracos. Nesse sentido, o casamento monogâmico beneficia exclusivamente o homem, e não a mulher:

Esse “contrato” é a partilha do leão: o homem é forte, instrui-se, vai até onde sua capacidade o leva, e , a mulher “é do lar”, não cursa estudos superiores, obedece, serve, abdica do direito de pensar para “ser do lar”, para defender a instituição da família (...).³²

Erudita, participa ativamente dos debates sobre a moral, a sexualidade e a família nuclear que dominavam o cenário intelectual do período, citando, em seus escritos, autores como Nietzsche, Stirner, Freud, Havellock Ellis, Malthus, Ellen Key, Federica Montseny, Alexandra Kollontai, Anatole France, Henryk Ibsen, entre outros. Mas a grande inspiração de seu anarquismo individualista vem do filósofo libertário francês Han Ryner³³, com quem passa a defender convictamente o “amor plural”. A plena realização da liberdade de amar para mulheres e homens, a seu ver, seria capaz de eliminar os crimes passionais, os ciúmes, o desejo de vingança, a prostituição e as opressões de gênero. Assim, contrasta o amor livre e plural com o amor único: “A paixão exclusiva e ciumenta por uma única pessoa, o pretense amor tal como nossa absurda Universidade ensina aos nossos desgraçados jovens, através dos poetas trágicos, é, com efeito, a mais terrível das

²⁹ MOURA, Maria Lacerda. *A Mulher é uma Degenerada?* São Paulo: Typ.Paulista, 1924

³⁰ MOURA, Maria Lacerda, prefácio ao livro do psiquiatra argentino Julio Barcos, *Liberdade Sexual das Mulheres*. Tradução de Maria Lacerda de Moura, 4 ed., 1929; Também citado em Moura/Leite, 2005, op.cit, p. 54.

³¹ Veja-se PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

³² MOURA, Maria Lacerda. *Religião do Amor e da Beleza*, op. cit, p.184

³³ HYNTER, Han (1861-1938), filósofo anarquista francês, marcado pelo estoicismo, autor de Pequeno Manual Individualista, de 1903 e do romance *O amor plural*.

tragédias.”³⁴ Este ideal, que têm implicações políticas, acrescenta ela, é principalmente destinado às mulheres, pois os homens desfrutam da liberdade de amar:

Se o amor para o homem é apenas acidente na vida, e não é bem assim, é que o homem realiza, consciente ou inconscientemente, o amor plural: está mais perto de sua libertação.. (...) O homem é pluralista: é a razão de sua calma, da sua experiência, da sua maior serenidade, da sua certeza indo ao encontro do prazer ou do amor. Sabe que não se esgotará num só, que tem reservas para continuar o seu caminho e vai ao encontro de todos os deliciosos acidentes ou de todas as experiências amorosas que venham pairar em torno dos seus desejos. Quanto à mulher, convencionaram que só pode amar a um homem, dentro da lei ou fora dela.³⁵

Ao mesmo tempo, Maria Lacerda diferencia insistentemente a idéia do amor plural, inspirada em Han Ryner, do pluralismo amoroso, defendido por outro anarquista francês, Émile Armand ³⁶. Segundo ela,

O amor plural é sempre, tanto para o homem como para a mulher, o desabrochar da liberdade, da sabedoria e do individualismo. Mas, a camaradagem amorosa de “L’Ellébore” ou vossa “Fraternidade do Amor”, esse contrato que esposa um grupo inteiro, conhecidos e desconhecidos, é infinitamente mais servil que o contrato banal e o casamento diante de um ventre enfaixado de tricolor.³⁷

Crítica radical do capitalismo e dos regimes totalitários, que cresciam em sua época, como aparece em *Civilização – Tronco de escravos*³⁸, e apostando nas formas autogestionárias de vida em sociedade, assim como na plena liberdade de expressão dos sentimentos e afetos, Maria Lacerda ataca a moral supostamente revolucionária, ditada pelo partido político, que, na verdade, visa codificar os atos, controlar os gestos e determinar as condutas em todas as dimensões:

Que fantasia esquisita, quando se ama a liberdade, de se divertir em organizar, isto é, em destruir a liberdade. (...) Toda organização vencedora torna-se abominável como um Estado ou uma Igreja.(...) O único refúgio é o amor livre e plural não organizado. A organização estraga tudo. Organizar a liberdade é criar a servidão. Organizar o amor é criar os ciúmes e os ódios. O amor plural é um sentimento ingênuo e natural, doce e inocente como meu gosto pela aldeia na qual dei os meus primeiros passos e onde organizei meus primeiros olhares.³⁹

³⁴ MOURA apud LEITE, 2005, op. cit, p.168.

³⁵ MOURA, Maria Lacerda. *Prefácio* a Julio Barcos, também citado em LEITE, op. cit., 2005, p. 54

³⁶ ARMAND, Émile (1872-1962), anarco-individualista francês, autor de *La révolution sexuelle et La camaraderie amoureuse*, de 1934, entre outras obras.

³⁷ Idem, p. 170

³⁸ MOURA, Maria Lacerda. *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931

³⁹ Idem, pgs.169 e.174.

Uma das poucas mulheres a discutir abertamente a prostituição e o lenocínio, Maria Lacerda, assim como Emma Goldman⁴⁰, critica a regulamentação do comércio sexual, isto é, a política segundo a qual o Estado deveria fichar as meretrizes, definir os horários de funcionamento e a própria localização geográfica da zona do meretrício, tanto quanto o “tráfico das brancas”, como era então chamada a vinda organizada de prostitutas européias para Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, por gangues especializadas.⁴¹

Que dizer de uma civilização que permite o castigo - fingindo que o persegue, permite o tráfico das brancas, necessário para a “instituição sagrada da família” (!) e que, depois, prende a mulher ludibriada, nos Saint-Lazare ou no Bon Pasteur, enquanto o homem continua a sua vida de conquistador de outras futuras prisioneiras, livre das garras da polícia (...).⁴²

- à guisa de conclusão: novas conexões

No final do século XVIII, Mary Woolstonecraft, escritora e crítica de Rousseau, posteriormente consagrada como uma das pioneiras do feminismo, apaixonou-se por William Godwin, autor de *An enquiry concerning justice...*(1793), considerado uma importante referência nas origens históricas do anarquismo.⁴³ Refiro-me ao vínculo amoroso que estabelecem, em meio ao convívio em uma rede de amigos intelectuais, poetas e artistas, porque incita a pensar na maneira pela qual essas duas doutrinas políticas de luta pela liberdade e igualdade social, de crítica às hierarquias e às formas da dominação de classe, gênero e etnia, isto é, o anarquismo e o feminismo, estiveram tão próximas e foram constitutivas uma da outra, em suas origens. A separação mais nítida, configurando duas correntes políticas separadas e envolvendo diferentes personagens e contextos políticos ocorre nas movimentações do século XIX, acentuando-se no seguinte.

Nos inícios do século XIX, já os saint-simonianos abriam espaço para os círculos de mulheres; nas décadas seguintes, a bandeira da emancipação feminina esteve presente nas reivindicações de todos os que se opunham ao capitalismo industrial emergente, seja anarquistas, socialistas ou comunistas. Em todos os momentos históricos em que o anarquismo despontou como força de expressão social e política, a questão da luta pelo fim da violência de gênero e pelo direito das mulheres à esfera pública foi amplamente debatida e incentivada. Com todas as críticas que os opositores lançam aos anarquistas, não há como negar que o anarquismo foi a doutrina política e o movimento social que mais avançaram na formulação e na exigência do respeito à diferença e à liberdade individual, inclusive para as mulheres. Para além dos direitos civis e políticos, o anarquismo colocou na agenda pública a luta pelo direito ao próprio corpo, em defesa do prazer sexual e do amor livre, também para as mulheres, assim como o direito ao divórcio, ao aborto e à maternidade consciente e voluntária. Ao colocar-se contra as relações de poder no microcosmo da vida

⁴⁰ Veja-se GOLDMAN, Emma. *Tráfico de mujeres y otros ensaios sobre feminismo*. Barcelona: Cuadernos Anagrama, 1977

⁴¹ Sobre a história da prostituição e o “tráfico das brancas” para o Brasil, veja-se RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

⁴² MOURA, M. L. *Religião do Amor e da Beleza*, op.cit., p.166.

⁴³ ARVON, Henri *El Anarquismo en el siglo XX*. Madrid: Taurus, 1979, cap.V, p.129.

social, questionou claramente a ideologia da domesticidade, segundo a qual as mulheres seriam inferiores aos homens por natureza e destinadas à esfera do lar e aos cuidados dos filhos. A meu ver, constatar que alguns anarquistas tenham, em algum momento, reproduzido paradoxalmente argumentos misóginos, que tenham sido machistas em algumas situações não invalida o próprio anarquismo, mas mostra que se trata de um trabalho a ser realizado consigo mesmo e na relação com o outro. O mesmo pode ser dito em relação ao feminismo. O autoritarismo de algumas feministas jamais poderia diminuir a importância das lutas históricas feministas e das que se travam na atualidade.

Não é de se estranhar que os discursos feministas mais radicais do século XIX e inícios do século XX provenham de figuras emancipadas como Emma Goldman, Maria Lacerda de Moura, Amparo Poch y Gascón, Lucía Sanchez Sornil, Mercedes Comaposada, fundadoras da organização anarco-feminista espanhola “Mujeres Libres”⁴⁴. É interessante observar que nem sempre a dimensão anarquista ganha prioridade em relação ao feminismo nos discursos dessas revolucionárias, que, ao mesmo tempo, consideravam negativamente como “feministas” as mulheres burguesas ou das camadas médias. Para elas, o feminismo liberal, ao reivindicar principalmente o direito ao voto e à instrução, era muito conservador, pois não questionava as estruturas profundas da sociedade burguesa, nem enfrentava claramente a questão da moral sexual imposta e as violências constitutivas das relações de gênero. Suas práticas, contudo, revelam um feminismo muito radical, pois questionavam o próprio modo de existência das mulheres, assim como os mitos misóginos construídos cientificamente sobre o corpo feminino e sobre a sua sexualidade.

Hoje sabemos que levou ainda muitas décadas, desde os anos trinta, para que o feminismo tematizasse a questão do corpo feminino, para que questionasse radicalmente os modelos de feminilidade instituídos, para que historicizasse as formas micropolíticas da dominação de gênero, desmistificando os regimes de verdade construídos pela ciência masculina sobre as mulheres, para que lutasse pela descriminalização do aborto e para que defendesse o direito feminino ao prazer sexual. O anarcofeminismo de então, embora reduzido em número, trazia imensos aportes para a construção da experiência feminista.

Ao se distanciaram progressivamente, ou especializaram-se em seus objetivos e formas de luta, anarquismo e feminismo perderam a memória de uma origem em solo comum. A tal ponto, que configuraram movimentos distintos, envolvendo histórias, locais, personagens, temporalidades e memórias diferenciadas, quando não opostas. Ainda assim, mesmo nessas instáveis fronteiras, a contribuição ao anarquismo por parte das mulheres e, em especial, das feministas foi certamente enorme.

Considerando as experiências e os escritos de Maria Lacerda de Moura e de Luce Fabbri, os pontos que as aproximam parecem hoje tão grandes quanto os que as diferenciam. Em relação à luta contra o fascismo, embora suas análises tendam a convergir, os envolvimentos são bastantes distintos, já que Luce viveu em Roma e Bolonha, assistiu à emergência dessa fenômeno, sofreu diretamente a perseguição de Mussolini, foi deportada com seu pai e precisou exilar-se no Uruguai, desde o final de 1929. Italiana, a sua luta contra a violência fascista, ocupa um espaço de maior destaque em sua produção teórica e

⁴⁴ Sobre a organização Mujeres Libres, veja-se ACKELSBURG, Martha. *Free Women in Spain. Anarchism and the Struggle for the Emancipation of Women*. Indiana University Press, 1991.

política, sendo fundamental para a construção de sua teoria do anarquismo, questão a que se dedica por toda a vida.⁴⁵

Maria Lacerda, por sua vez, embora se indigne profundamente com os acontecimentos violentos na Itália e em outros países europeus, sua crítica ao fascismo tem como pontos de partida a guerra e as repressões políticas do governo de Getúlio Vargas, que não chega a constituir-se como um totalitarismo, mesmo que, para os anarquistas contemporâneos, essas definições também precisem ser desconstruídas e historicizadas.

Para a anarquista mineira, o combate ao poder e a luta pela construção do anarquismo se travam mais fortemente no campo da moral sexual e do feminismo. A opressão de que são vítimas as mulheres, a repressão sexual, a castração de suas potencialidades, o desrespeito às suas necessidades básicas, a violência contra o seu corpo, a exploração sexual, o estupro, a violência doméstica, - temas que ocupam o feminismo em sua terceira vaga desde final dos anos sessenta - ganham prioridade em suas reflexões pioneiras tanto para o anarquismo quanto para o feminismo.

Vale sublinhar, nesse caso, a diferença das experiências vividas pelas duas libertárias, já que Luce tem o privilégio de nascer e crescer no próprio seio de uma família anarquista, ao contrário de Maria Lacerda. Até o final de sua vida, em 2000, a militante ítalo-uruguaia atua nos meios anarquistas uruguaios e argentinos, publicando a revista *Opción Libertária*, juntamente com o seu grupo político GEAL, ao contrário da brasileira.⁴⁶ Maria Lacerda se distanciará da militância política, no final de sua vida, retirando-se socialmente e abraçando o espiritismo.

Em relação aos temas que Maria Lacerda privilegia em seu esforço de reatualização do anarquismo tanto quanto do feminismo, vale notar, um nome que, sem dúvida, deve ser destacado é o da famosa revolucionária russa-americana Emma Goldman, que também procurou articular as lutas feministas às questões sociais mais gerais, tornando-se uma pioneira do anarcofeminismo.

Desde os anos oitenta, essas expressivas militantes anarquistas foram redescobertas pelos estudos feministas, preocupados em dar visibilidade às pioneiras, contribuindo não apenas para a libertação dos saberes dominados e das figuras transgressoras, punidas com o silêncio e o desconhecimento. Esse minucioso trabalho fortaleceu, ainda, as próprias militantes que, no presente, buscavam referências de outros modos de luta, de outras formas de existência e, no limite, de novos rumos libertários e filóginos para a autoconstituição de uma subjetividade ética e para a construção da própria vida. Mais uma vez, as vozes dessas figuras femininas ressoavam com toda a sua grandiosidade e generosidade.

⁴⁵ Veja-se FABBRI, Luce. *El Camino. Hacia el Socialismo sin Estado*. Montevideo: Edición de Juventudes Libertarias del Uruguay, 1952.

⁴⁶ RAGO, M. *Entre a História e a Liberdade*, op. cit., p.303 e segtes.

BIBLIOGRAFIA

- ACKELSBERG, Martha. *Free Women in Spain. Anarchism and the Struggle for the Emancipation of Women*. Indianapolis: Indiana University Press, 1991, 229 pgs. ISBN 0-253-30120-3.
- ARVON, Henri. *El Anarquismo en el siglo XX*. Madrid: Taurus, 1979, 184 pgs. Tradução de Ana Goldar. ISBN 2-13-035788-1
- FABBRI, Luce. *Camisas Negras*. Buenos Aires: Ediciones Nervio, 1935
- _____ *La Libertá nelle crisi rivoluzionarie*. Montevideo, Studi Sociali, 1947.
- _____ *El Totalitarismo entre las dos guerras*, Cuadernos de Cultura Social, n. 1, Ediciones Unión Socialista Libertaria, mayo 1948.
- _____ *L'anticomunismo, l'Antiimperialismo y la Pace*, Montevideo, Studi Sociali, 1949
- _____ *El Camino. Hacia el Socialismo sin Estado*. Montevideo: Edición de Juventudes Libertarias del Uruguay, 1952
- _____ *Sotto la Minaccia Totalitaria. Democrazia. Liberalismo, Socialismo, Anarchismo*, Napoli, Collana Porro Edizioni RL, 1955.
- _____ “Fascismo en el Uruguay”, *Cuadernos de Marcha*, no. 53, setiembre 1971
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976
- GOLDMAN, Emma. *Tráfico de mujeres y otros ensaios sobre feminismo*. Barcelona: Cuadernos Anagrama, 1977
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984, 171 pgs.
- _____ (org.) *Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005. ISBN 85-7578-093X
- MOURA, Maria Lacerda de. *Em torno da Educação*. São Paulo: Teixeira, 1918
- _____ *A mulher é uma degenerada?* São Paulo: Typ. Paulista, 1924, 1ª ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932, 3ed.
- _____ *Religião do Amor e da Beleza*. São Paulo: Condor, 1926
- _____ *Han Ryner e o Amor Plural*. São Paulo: Unitas, 1928
- _____ *Prefácio a BARCOS, Júlio. Liberdade Sexual das Mulheres*. 4ª ed. Tradução de Maria Lacerda de Moura, s/e, 1929.
- _____ *Civilização – tronco de escravos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931
- _____ *Amai e não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932
- _____ *Serviço militar obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!* São Paulo: A Sementeira, 1933
- _____ *Clero e Fascismo – Horda de Embrutecedores*. S. Paulo: Editorial Paulista, 1934
- _____ *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica*. São Paulo/s.n., 1934
- _____ *Fascismo - filho dileto da Igreja e do Capital*. São Paulo: Editorial Paulista, s/d.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar*. (3ª.ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. ISBN 85-219-0186-0
- _____ *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* (2ª.ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. ISBN 978-85-7753-059-5
- _____ *Entre a História e a Liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, 368 pgs. ISBN 85-7139-324-9
- _____ *Entre la Historia y la Libertad. Luce Fabbri y el anarquismo contemporaneo*. Trad. de Alfredo G. Martín. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 2003, 294 pgs. ISBN 9-789974-420922